

Finanças

Crise Iniciativa tem objetivo de convencer mercados sobre vigor do setor UE pede a recapitalização rápida de 16 bancos

Brooke Masters, Peggy Hollinger e Alex Barker
Financial Times, de Londres, Paris e Bruxelas

Autoridades europeias parecem determinadas a acelerar os planos de recapitalização de 16 bancos quase reprovados nos testes de estresse realizados em toda a União Europeia, como parte de um esforço coordenado para tranquilizar os mercados sobre a saúde do setor bancário no bloco de 27 países.

Uma alta autoridade francesa disse que os 16 bancos considerados como próximos do limiar de aprovação terão de buscar novos fundos imediatamente. Embora tenham circulado especulações de que bancos franceses estão buscando mais capital, nenhum deles está na lista. Outras autoridades

europeias disseram que as discussões ainda estão em curso.

A medida afetaria principalmente bancos de porte médio. Sete são espanhóis, há dois na Alemanha, dois da Grécia e outros dois em Portugal, ao passo que Itália, Chipre e Eslovênia têm um banco (nessa condição) cada um. A lista inclui HSH Nordbank, da Alemanha, e o Banco Popolare, da Itália.

Quando a Autoridade Bancária Europeia (ABE), supervisora do setor bancário da UE, testou 91 bancos em um cenário econômico sob tensão — inclusive rebaixamentos da classificação de crédito de dívidas soberanas — nove foram reprovados e orientados a levantar mais capital até o fim de dezembro.

As 16 instituições saíram dos

testes com um proporção básica de capital nível 1 — indicador fundamental de saúde financeira — de 5% e de 6%. A nota mínima para aprovação era 5%. A ABE tinha dado aos bancos prazo até abril de 2012 para a adoção de planos para reforçar seus amoteadores de capital.

Embora os bancos devam recorrer inicialmente aos mercados privados, autoridades disseram que ajudas estatais podem ser necessárias. O governo francês parece favorecer o uso do fundo de socorro — de € 440 bilhões (US\$ 592 bilhões) —, conhecido como fundo de estabilidade financeira europeia, mas outros Estados membros provavelmente argumentarão em favor de iniciativas em âmbito nacional.

Joaquín Almunia, comissário

de Concorrência da UE, estendeu na semana passada o regime especial de ajuda estatal aos bancos, criado na crise de 2008, para permitir que os governos injetassem empréstimos e garantias a juros abaixo do mercado em bancos falidos.

O comissário para mercados internos da UE, Michel Barnier, disse que os 16 bancos quase reprovados nos testes de estresse são considerados frágeis e precisam também ser reforçados. "Queremos que a recapitalização desses bancos seja realizada com recursos privados. A era dos salvamentos de bancos precisa acabar. Mas eu não posso, naturalmente, excluir a possibilidade de que alguns dos bancos acima citados possam vir a exigir ajudas estatais." **FT**

Federal Reserve de mãos atadas

Jon Hilsenrath
The Wall Street Journal

A péssima reação do mercado à medida mais recente do banco central americano, o Federal Reserve (Fed), para estimular a economia levou alguns comentaristas a argumentar que a autoridade monetária dos Estados Unidos não tem mais remédios para tratar seu paciente enfermo.

Não espere, porém, que o presidente do Fed, Ben Bernanke, veja as coisas dessa maneira.

Desde que deu sermão em autoridades japonesas, no fim dos anos 1990 e início de 2000, sobre como eles deveriam lidar com seus problemas econômicos, Bernanke já deixou claro qual é a sua visão sobre economias pós-bolha: continue experimentando enquanto a economia está tropeçando e a inflação, quieta.

Quarta-feira, o Fed avisou que vai reformar sua carteira de investimentos para fazer pressão de baixa sobre os juros de longo prazo. As taxas caíram, o que poderia liberar um pouco mais de consumo e investimentos. Mas as decisões do banco central e sua avaliação pessimista da economia chacoalharam as bolsas.

Outras opções foram discutidas. Entre elas, as autoridades estão debatendo se o Fed pode mudar sua estratégia de comunicação para ser mais transparente sobre o que seria necessário para obrigá-lo a aumentar os juros. Mais clareza poderia servir para coibir temores que ainda persistam nos mercados financeiros de que ele pode apertar a política monetária prematuramente.

O Fed também poderia comprar mais títulos de investimento, reduzir o juro de 0,25% que



Bernanke, do Fed, mostrou ousadia em buscar saídas não convencionais

citou Franklin Delano Roosevelt, o presidente americano entre 1933 e 1945, e sua "capacidade de ser agressivo e experimentar — em suma, fazer o que fosse preciso para colocar o país de volta nos trilhos, apesar de que algumas dessas políticas terem fracassado.

"Ele quer sentir que fez tudo que podia", avalia Mark Gertler, professor da Universidade de Nova York que já foi coautor de vários artigos com Bernanke antes de ele ir para o Fed.

Para o principal economista internacional do Citigroup, Na-

ano do cargo de diretor do grupo de assuntos internacionais do Fed. "Eu não esperaria que na reunião de novembro o Fed anuncie algum pacote adicional", disse ele.

Sheets acredita que a lição que Bernanke aprendeu com o Japão é que ele não pode ser tímido em seus esforços para ressuscitar a economia. Como o Fed é incumbido pelo Congresso de buscar tanto um desemprego baixo quanto uma inflação baixa, Bernanke e outros diretores tendem a se sentir legalmente obrigados a continuar tentando reanimar a

marra dos Deputados, o republicano John Boehner, disse ontem que o banco central americano está permitindo uma política fiscal ruim. O governador do Texas e candidato à presidência, Rick Perry, descreveu as medidas de estímulo do Fed como "quase traição".

Política à parte, ainda há dúvidas difíceis sobre o que o Fed ainda pode fazer quando sua principal ferramenta para impulsionar a economia — os baixos juros de curto prazo — já está a todo vapor há três anos, com a taxa de curto prazo praticamente zero.

No caminho do Fed estão possíveis problemas estruturais no mercado de trabalho, um sistema financeiro danificado pela crise que impede que o crédito chegue às famílias, e uma falta de confiança entre famílias e empresas.

Algumas autoridades do Fed estão convencidas de que não há muito mais que o banco central possa fazer para ajudar nessa frente. Embora controle o suprimento de dinheiro, o Fed não controla o espírito animal dos investidores.

Outra dúvida no Fed é se o comportamento da inflação justifica mais medidas. Nos EUA, onde a preocupação é com a queda de preços, a inflação aumentou este ano e alguns observadores acreditam que o banco não deve agir agressivamente a não ser que enxergue indícios mais convincentes de que os preços ao consumidor estão se estabilizando, o que vários diretores esperam que aconteça.

"Vemos uma probabilidade de quase 50% de que o Fed vai tentar mais afrouxamento comprando ativos diretamente", escreveu ontem o economista Michael Hanson, do Merrill Lynch,